

O SAGRADO E O PROFANO NA RELIGIOSIDADE POPULAR: A festa do Bom Jesus dos Navegantes na cidade de Touros/RN



Bianor Francisco de Lima Júnior¹

RESUMO

Discutem-se as relações sociais, políticas, econômicas, culturais, tendo-se como objetivo verificar o crescimento econômico da cidade por ocasião da festa religiosa onde se consagra a Fé dos habitantes e visitantes. Ressaltam-se consequências jurídicas geradas em função do Sagrado e profano na religiosidade popular por ocasião da festa do Bom Jesus dos Navegantes, padroeiro do município de Touros – RN, tendo como base Gastaldi, Patriota, Weber, dentre outros e como pesquisa documental, as certidões e documentos da Paróquia.

Palavras-chave: Religiosidade popular. Cultura. Crescimento econômico.

THE SACRED AND THE PROFANE INTO THE POPULAR RELIGIOSITY: Feast of good Jesus of navigating in Touros/RN

ABSTRACT

This work discusses about social relations, political, economical, cultural and it highlights juridical consequences in function of Sacred and profane into the popular religiosity at the feast of Good Jesus of Navigating, city patron of Touros/RN, based on renowned authors like Gastaldi, Patriota, Weber, and others including Parish certificates and documents, for showing the finding of economic raising at religious feast where is devoted visitors and habitants Faith.

Keywords: Popular religiousness. Culture. Economic raising.

1 Sacerdote da Arquidiocese de Natal. Paróquia N. S. Conceição – Ceará Mirim – Desempenhou a função de pároco em Touros entre 1999-2007. Bacharelado em Direito – FARN. Twitter: @BianorJr; (84) 9981-1411 – TIM

1 INTRODUÇÃO

O direito, etimologicamente, pode ter o significado de justiça, e mantém, historicamente, uma ligação muito próxima com a religiosidade. Como se sabe, na Mesopotâmia, o rei era considerado um representante de Deus e, no Egito, o faraó era reconhecido como o próprio Deus na Terra. Os mitos, as crenças, o temor a um deus serviram de inspiração para que se criassem inúmeras regras jurídicas em diversas sociedades que, no decorrer do tempo, tornaram-se códigos jurídicos e leis que regem o povo e as coisas. Nesse sentido, o objeto de estudo em questão, *a religiosidade popular*, também concorreu, ao longo da história, para a construção e concepção de condutas sociais perceptíveis no intercâmbio de culturas, expressas, por exemplo, no turismo religioso, cujas consequências, entre outras, é a geração de riquezas nos locais onde se manifesta.

É nesse sentido que o presente trabalho pretende discutir algumas implicações econômicas da religiosidade popular a partir do turismo religioso. Para tanto, será utilizado como método a observação *in loco*, a leitura e análise de textos conceituais sobre a religiosidade popular, bem como de conteúdo histórico acerca da devoção em torno da imagem do Bom Jesus dos Navegantes, padroeiro dos católicos no município de Touros, cidade onde o trabalho foi desenvolvido. O período abordado abrange principalmente as últimas décadas do século passado à primeira década do presente século, apesar do necessário retorno aos momentos de construção da religiosidade tourense, o que remonta ao século XIX.

2 RELIGIOSIDADE POPULAR

A busca por um ser superior e de uma felicidade duradoura é algo perceptível na maioria das pessoas em todos os períodos da história. Na formação do povo e da nacionalidade brasileira, em função da variedade étnica e cultural, é notável a religiosidade popular, fenômeno criativo, livre de uma estrutura religiosa tradicional. É um fenômeno fácil de perceber e difícil de explicar, como nos mostra Sartore e Triacca (1992, p. 106):

A religiosidade popular como dimensão antropológica invade não só o mundo religioso, mas também o mundo da vida, compreendendo que o homem como ser social tem inspiração profundas, riquezas que se apresentam em várias categorias. Assim, a religiosidade popular surge como a língua materna religiosa, falada por todos os homens em uma pré-estréia da história em relação a todas as várias instituições religiosas que seriam apenas uma derivação e uma codificação daquela. A religiosidade popular vem se orientar para um restabelecimento das nossas raízes antropológicas mais profundas, é uma espécie de matriz profunda em que a cultura e o cristianismo encontram uma vivência a que não podemos deixar de nos referirmos.

De acordo com Sartore e Triacca, a religiosidade popular é um elemento primitivo da sociabilidade e das representações imaginárias do homem, uma espécie de pré-história das relações sociais, por isso se manifesta de forma tão espontânea e criativa, extrapolando os preceitos das instituições religiosas. Somando-se a essa percepção, é notável na religiosidade popular a herança cultural dos povos que nos antecederam, a exemplo das variadas nações indígenas e africanas, que nos legaram rituais e cultos ainda perceptíveis, principalmente nas representações baseadas em sincretismos religiosos.

Nesse sentido, a formação histórica do Brasil é um caso emblemático, uma vez que o estabelecimento da religião católica só foi possível porque se permitiu misturar-se com os cultos indígenas e africanos, num esforço de aproximação das camadas populares e menos favorecidas da sociedade. Esse fenômeno gerou as manifestações religiosas populares, a junção de festas profanas ao ritual católico, as peregrinações e, mais recentemente, o turismo religioso. Este último tanto pode estar fundamentado em motivos religiosos legítimos, bem como superficiais, quando a atividade turística se sobrepõe à religiosidade, pelo menos é o que discutem Sartore e Triacca (1992, p. 107) ao afirmarem que "a religiosidade popular não pode ser definida como exercício predominantemente ritual da religião e, de fato, pela sua concretude e imediaticidade, o ritual serve, mais do que qualquer outra realidade religiosa, para medir a experiência de uma crença e de uma

fé". Neste contexto, podemos também observar que a religiosidade popular se apresenta na maioria dos casos exuberante nos gestos, nos comportamentos, nas expressões, porque tende a significar em linguagem simples e perceptível as próprias aspirações; no entanto será preciso igualmente ter cuidado para não confundir tudo isso com a retórica e com as atitudes superficiais.

Não se pode negar os fundamentos bíblicos que norteiam a prática de muitos exercícios de piedade do povo cristão ainda no tempo presente. A formação histórica desse povo favorece a compreensão do significado das procissões e romarias para os lugares onde se demonstram e se expressam a dimensão da fé. Essa constatação vai de encontro àqueles que tentam desqualificar as expressões populares da religiosidade, pois a religiosidade popular nos propõe uma redescoberta do valor dos sinais e símbolos religiosos. Ou seja, trata-se de abandonar aquele criticismo quase absoluto que é a marca da secularização, proveniente da desconfiança de qualquer expressão religiosa. A religiosidade pode, assim, ensinar-nos que há possibilidade de empregar símbolos, de compreender a linguagem mitológica, de praticar atos e fazer gestos simbólicos rituais para expressar o mundo religioso, que constitui componente profundamente humano, componente, aliás, irrenunciável (SARTORE; TRIACCA, 1992).

Outro detalhe importante nos processos de construção histórica da religiosidade popular, a exemplo da cidade de Touros, de Natal e de tantas outras cidades é a relação que se estabelece entre o povo, as imagens dos santos padroeiros e alguns elementos naturais, notadamente rios, lagoas, lagos e o mar. É através deles que geralmente chegam ou se encontram as imagens. Em função disso, esses elementos naturais passam a ser considerados lugares sagrados, de peregrinação ou marcos fundadores das vilas e cidades, o que, para Sartore e Triacca (1992), impulsiona algo à teologia e à liturgia, por vezes demasiado preocupadas em transmitir dogmas e doutrinas fora de um contexto harmonioso com a natureza e com tudo o que se refere aos elementos essenciais em que vivemos e que sempre foram os primeiros e os mais importantes símbolos religiosos, como a água, a terra, a luz, o céu e outros elementos naturais.

Importante também é perceber que as representações religiosas populares funcionam como elementos de inserção do povo na sociedade; como afirmação das camadas populares em relação à dogmática tradicional do catolicismo. Essa afirmação, no entanto, não tomou o significado de revolta ou aversão ao tradicionalismo, muitas vezes dominante e opressor, mas de comunhão e colaboração com o cristianismo no Brasil, concorrendo de forma positiva para o estabelecimento da Igreja Católica.

Um dos destaques mais significativos da religiosidade popular é que nela é sempre o povo que desempenha o papel de protagonista; trata-se de religiosidade gerida pelo povo. E esse destaque não é de pouca importância quando observamos que ainda hoje a liturgia só com dificuldades cria espaços para o povo na celebração eucarística. A ritualidade popular sempre pôs em prática a nova proposta que a liturgia começa agora a traduzir em termos práticos e segundo a qual 'o verdadeiro sujeito da liturgia é o povo (SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 110).

A riqueza da religiosidade popular está na convivência harmoniosa e complementar aos cultos oficiais/tradicionais e ao trazer à tona os antagonismos e diferenças das duas formas de representação. Ambas se expressam tanto em lugares públicos, ao ar livre, quanto no interior dos templos católicos, símbolos de uma herança cultural e política, na maioria das vezes tradicional, que negou os cultos populares ao longo da história. No entanto, a religiosidade popular, além de não negar o dogmatismo, favorece a sua manutenção, pois este funciona como fonte para aquela, que vai se transformando espontaneamente, sem romper com o tradicionalismo. Um dos antagonismos realçados é a diferenciação social: o culto oficial/tradicional é praticado por grupos sociais mais abastados, enquanto o contrário ocorre com os populares, que atraem essencialmente as camadas menos favorecidas da sociedade. E isso é um retrato dos tempos do Brasil colônia, quando existiam igrejas destinadas à aristocracia, e outras aos escravos e ex-escravos.

E era nos templos destinados ao culto das camadas menos favorecidas que o dogmatismo cedia lugar às formas de representações

religiosas espontâneas, originais e permeadas de um imaginário e um misticismo produzidos a partir do sincretismo com os cultos de origem africana e indígenas, uma vez distantes dos olhares inquisitoriais do catolicismo tradicional.

Para Max Weber, *o mágico* enfoca interesses e problemas particulares dos clientes, sem maior impacto em suas vidas pessoais e na sociedade como um todo; enquanto o religioso mais específico relaciona os adoradores a poderes operativos no universo, procurando, portanto, ordenar suas vidas pessoais e causar impacto na sociedade. Assim, as grandes religiões foram movimentos poderosos e criadores de cultura. Existe, nas igrejas cristãs, um fenômeno muito comum, que nem sempre é compreendido em termos religiosos, e que aparece para muitos como uma expressão do humanismo. É o fenômeno da autoexperiência da humanidade, que produz sentimentos poderosos de solidariedade para com os outros, sobretudo para os menos privilegiados, e uma forte compreensão do fato de que cada homem se destina a uma vida mais digna (WEBER, 2004).

O Concílio Vaticano II aprovou essa autoexperiência e a ela se referiu como “o nascimento de um novo humanismo, no qual se define o homem primeiramente em termos de sua responsabilidade para com seus irmãos e para com a história” (O VATICANO II..., 2001, p.206). Embora essas experiências de solidariedade e destino comum sejam realmente seculares, possuem uma dimensão religiosa que sensibiliza as pessoas nos mais diferentes níveis. A solidariedade é um apelo a todas as pessoas. Esse sentimento implica conversão ou transformação da consciência. A experiência atual de solidariedade revela mais claramente o mal atuante na cultura contemporânea, conduz a uma revisão crítica de valores herdados e cria o desejo de mudança social. É esse aspecto de conversão ou transformação da consciência que dá à solidariedade sua dimensão religiosa.

A experiência religiosa, no presente, expressa uma íntima ligação entre o sagrado e o secular. “Há um significado religioso na vocação do homem para se tornar inteiramente humano”. A experiência religiosa da vocação do homem está bem difundida e é de grande poder na época atual. Os que querem expressar essa experiência se voltam espontaneamente para o simbolismo religioso. Para um vasto número de pessoas, Jesus se tornou um símbolo da libertação.

3 RELIGIÃO, CULTURA E ECONOMIA

Em todas as épocas, o homem buscou – e busca até o presente – uma entidade superior a ser reverenciada, cultuada e adorada. Para a maioria das civilizações, esta entidade era representada por deuses, para as quais se construíram templos, palácios e se ofereciam sacrifícios. A Antiguidade Clássica nos legou as mitologias e os templos; a Idade Média, as catedrais e o teocentrismo; a Idade Moderna, a difusão do cristianismo para além mar da Europa e o surgimento de novas religiões; a Idade Contemporânea, dos séculos XVIII e XIX, perseguiu uma maior racionalidade e ajustamento da religiosidade com a razão iluminista; no tempo presente, as religiões cristãs vivenciam fenômenos religiosos de massa e se permitem experimentar e serem experimentados, de forma que ainda não é possível delinear os rumos que tomarão tanto a igreja católica quanto as demais religiões cristãs.

Não obstante esta realidade, não podemos negar a existência de grandes centros religiosos que atraem pessoas de diversas partes do mundo para cultuar os santos padroeiros. A saber: em Fátima (Portugal), Lourdes (França), Assis (Itália), Caminhos de Santiago de Compostela (Espanha), Aparecida (Brasil) e tantos outros lugares que se tornam centros de peregrinação religiosa. Juntamente com o agrupamento de pessoas em torno de fenômenos religiosos, apresentam-se aspectos culturais e econômicos, gerando riquezas e aumento da lucratividade com base no turismo religioso que não se encontra apenas nas grandes cidades do Brasil ou do exterior, mas está presente também em muitas cidades do estado do Rio Grande do Norte.

4 A RELIGIOSIDADE POPULAR EM TOUROS: UM ESTUDO DE CASO

A cidade de Touros, localizada no litoral setentrional do estado do Rio Grande do Norte, distante cem quilômetros da capital, é uma das cidades pólos da região do Mato Grande. A população aproxima-se dos trinta e cinco mil habitantes, distribuídos na sede e nos vários distritos do litoral e do sertão.

A economia baseia-se essencialmente na pesca, desenvolvida nos oitenta quilômetros de litoral e na agricultura, numa faixa de terra que

serpenteia a Lagoa do Boqueirão, formando um vale fértil no distrito homônimo, bem como em Santa Luzia, Geral e Boa Cica. O comércio também contribui para a economia local, concentrando-se nos vários pontos comerciais e lojas espalhadas pela sede e na feira que acontece todas as terças-feiras, drenando as rendas oriundas do funcionalismo público, de aposentados e pensionistas e da produção local da pesca e da agricultura.

As belas praias da região, as festas populares e, em menos proporção, as características históricas da cidade, fazem de Touros um dos destinos turísticos em ascensão no estado, concorrendo para o incremento da economia.

5 A CONSTRUÇÃO DA RELIGIOSIDADE

Os tourenses, independentes da orientação religiosa, nutrem um forte sentimento nativista, graças às peculiaridades históricas da região. O município é o ponto extremo do litoral brasileiro, mais próximo da África e da Europa, por isso denominado “Esquina do Brasil”; foi o local de chantamento do primeiro marco de posse colonial do Brasil no ano de 1501; a cidade detém o maior farol em estrutura artesanal do mundo, construído no ano de 1908, localizado na Ponta do Calcanhar, ponto de referência náutica aos navegadores portugueses desde os primeiros anos do descobrimento; a cidade guarda baterias de canhões deixados na pedra do Tourinho provavelmente no início do século XIX, em função da chegada da corte portuguesa ao Brasil; a cidade foi palco, em 1928, do pouso forçado dos italianos Carlo Dell Pret e Artur Ferrarin, os primeiros aviadores a cruzarem o Oceano Atlântico num voo sem escalas, no chamado Raid Roma-Natal, o que inseriu a cidade nos processos de modernização das primeiras décadas do século XX².

Entrementes, o traço mais marcante da história tourense e que se processa ainda no tempo presente é, sem dúvida, a chegada da imagem do padroeiro dos católicos, denominado Bom Jesus dos Navegantes. Essa denominação, apesar de óbvia, deu-se em função de tratar-se do

2 Sobre os diversos aspectos da história e do passado tourenses, consultar Patriota (2000). A citada “modernização” é um dos processos histórico-sociais contemporâneos mais estudados na atualidade, sendo que a cidade de Touros se insere nele de forma passiva, mais pela sua privilegiada localização geográfica que por uma participação efetiva.

Jesus Crucificado e da tradição pesqueira da região ainda no século XVIII. Todas essas características aliadas a tantas outras tradições constituem elementos de identidade do povo tourense. Porém, pelo fato de a maioria da população seguir a doutrina católica, a religiosidade popular em torno da imagem do Bom Jesus dos Navegantes constitui, indubitavelmente, o principal dos referidos elementos.

A chegada da referida imagem, demonstra como a religiosidade que se desenvolveu em torno da figura contribuiu para a constituição jurídica da cidade de Touros. Vejamos a descrição do escritor Nilson Patriota acerca da chegada da imagem ao porto de Touros: "Narra a tradição que a imagem do senhor Bom Jesus dos Navegantes chegou a Touros alguns anos antes de findar o século XVIII [provavelmente 1798], e que teria sido encontrada por pescadores que demandavam o mar, como então era costume, logo que os galos amiudavam. [...]" (PATRIOTA, 2000, p. 245).

Sobre o fragmento acima, não se sabe ao certo se a imagem foi de fato encontrada por pescadores, pois não se conhecem registros manuscritos sobre o achado, restando somente a tradição oral. A associação de símbolos religiosos a tipos humanos característicos das regiões é um dos elementos-base da religiosidade católica no Brasil. O mesmo ocorre com a chegada da imagem de Nossa Senhora da Apresentação, encontrada, também, por pescadores no rio Potengi, em Natal. De maneira similar, ocorre a associação desses símbolos religiosos com os mananciais d'água. As imagens sacras são quase sempre encontradas em rios, lagos e no mar, num esforço construtivo da religiosidade, associada a elementos da natureza que simbolizam a pureza, o batismo, a fertilidade, entre outros. A respeito da chegada da imagem se conhecem várias estórias. A mais convincente sugere a hipótese de que a imagem, transportada numa embarcação, soltara-se das amarras e caíra no mar durante um temporal. As correntes marinhas e os ventos então se encarregaram de conduzi-la para a costa. Na maré de enchente entrara pela barra, encalhando próximo da pinguela [ponte] usada para o tráfego do povo entre a praia e a povoação (PATRIOTA, 2000).

Essa hipótese, do ponto de vista histórico, é facilmente contestada, pois também não são conhecidos registros desses acontecimentos. Isso constitui mais um fator de construção da religiosidade, pois sabe-se que

no intuito de expandir o cristianismo católico, o clero se encarregava de fazer chegar aos povoados mais longínquos do Brasil – usando-se como referência as regiões centrais no período colonial – imagens sacras, visto que o objetivo religioso estava associado ao projeto colonial dos portugueses, uma vez que o papado foi um importante parceiro da Expansão Marítima. Outro exemplo disso é a toponímia de algumas regiões do país, a exemplo do Monte Pascal, na Bahia, Vila de São Vicente, em São Paulo, Terra de Santa Cruz, nome primitivo do Brasil, Ponta de Santo Agostinho, no Recife, Cabo de São Roque, no nosso estado, entre outros.

O fato é que a notícia da chegada da imagem ao Porto de Touros se espalhou pela região, atraindo a princípio, grande número de curiosos que posteriormente se converteriam em fiéis. Talvez o espanto da notícia – se tomarmos por base os escritos de Nilson Patriota – tenha ocorrido em função de a imagem ser construída em proporções humanas e apresentar caracteres da arte barroca difíceis de serem vistos na região de Touros ao findar do século oitocentista.

[...] em menos de um mês a notícia espalhou-se por toda a região. Vindas de longe, as pessoas já falavam em graças obtidas e até mesmo em milagres. 'Fulano era aleijado e ficou curado! Já largou as muletas!' 'Sicrano, mordido de cascavel, pegou-se com a imagem e está vivinho da silva para testemunhar!'

Desse modo as coisas aconteciam, até que a notícia criou pernas longas e ligeiras, viajando para longe. Foi bater às portas de Recife e Olinda. Então a Cúria Episcopal mandou à povoação um emissário com a finalidade de resgatar a imagem, levando-a consigo para ser entronizada num templo digno [...]. O povo humilde agitou-se (PATRIOTA, 2000, p. 248).

À época, a então capitania do Rio Grande do Norte não era servida por uma cúria episcopal, submetendo-se, em matéria de assuntos religiosos, à capitania de Pernambuco. Ao descrever esses fatos, Nilson registra o momento inicial da gestação da religiosidade tourense em torno da imagem do Bom Jesus dos Navegantes, o que fica mais nítido quando ele identifica os participantes daqueles acontecimentos como

povo humilde. No Brasil, a percepção dos movimentos religiosos permite afirmar que não existe povo sem tradição popular, bem como não existe religiosidade popular se não advir do meio do povo. Apesar dos rigores dogmáticos europeus, ao cristianismo só foi possível expandir-se no Brasil e na América Latina, porque se permitiu ser difundido pela aquarela cultural das etnias que compuseram nossa formação inicial.

Visando a conter essa modalidade de expressão religiosa, já em desenvolvimento no Porto de Touros, é que o episcopado de Olinda e Recife decide pela retirada da imagem para um templo digno, certamente uma das igrejas barrocas de Pernambuco tão elevada quanto a lavoura açucareira que a financiava.

Entretanto, a população de Touros, num rasgo de autonomia e emancipação, opôs-se à determinação das autoridades religiosas e se negou a entregar a imagem. Nascia a *identidade tourense* pautada na religiosidade popular cristã-católica, sem interferência de qualquer outra religião, uma vez que o catolicismo gozava ainda da exclusividade de culto no Brasil.

Vejamos o que afirma Patriota (2000, p. 248):

[...] os moradores de Touros resistiram. Terminantemente, negaram-se a entregar nas mãos daquele padre o precioso achado. Antes que isso, mobilizaram-se formando comissão competente para exprobar a pretensão da Cúria. Em Olinda, onde ficava a sede do bispado, a comissão procurou as autoridades eclesiásticas, externando suas razões. Tendo à frente seus líderes, argumentou [...] quanto a lisura de seus [...] propósitos. Negavam-se a ficar sem a preciosa imagem e ao mesmo tempo pedia para que lhe fosse concedido o direito de erguer em Touros um digno santuário para abrigar o santo.

É esse o primeiro registro de organização política da população residente na povoação de Touros. Os moradores se articularam não em torno de causas particulares, mas na defesa de um interesse comum, regidos pela religiosidade popular e pela crença na imagem do padroeiro. É importante destacar que, do lado oposto, estavam os representantes do clero, membros de uma instituição social estruturada e detentora de poderio político no Brasil colônia: a Igreja católica. Por fim, informa Patriota (2000, p. 248) que:

[...], o bispo terminou compreendendo que devia atender àquela gente humilde em seu desejo. Então, se assim queriam, que providenciassem o Patrimônio do Santo e voltassem à Cúria para os necessários entendimentos e competente autorização.

As providências a que Nilson se refere dizem respeito à construção de uma capela para abrigar a imagem e a constituição de um “patrimônio”, que consistia no levantamento de fundos para a manutenção do culto e da assistência eclesiástica à nova região assistida pela Igreja. Isso foi possível graças à doação de uma gleba de terra considerável por parte de Manuel Dias de Assumpção e sua esposa Joanna Tavares da Costa, concessionários de uma sesmaria que abrangia o povoado de Touros. A doação foi lavrada pelo escrivão Alexandre Dias de Carvalho, do Cartório Judiciário de Extremoz, datada no dia 15 de fevereiro de 1798 e autorizada pelo Juiz Ordinário da Comarca da Paraíba, da qual era termo o município de Extremoz, e a este era pertencente a povoação de Touros.

Entre um ato de fé e um ato jurídico, nascia oficialmente o povoado de Touros e a religiosidade popular em torno da imagem do Bom Jesus dos Navegantes, o que gerou transformações sociais na região que foram desde a construção da capela até as manifestações culturais verificadas durante a festa do padroeiro, que acontece até o tempo presente.

6 A FESTA POPULAR: ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

Quem vai a Touros e se depara com a igreja matriz do Bom Jesus dos Navegantes verá no frontão a inscrição do número 1800, uma referência ao ano de conclusão do templo. Porém, não se deve supor que a igreja construída há mais de duzentos anos, tinha as mesmas proporções da atual. Esta é resultado de uma sequência de ampliações, reformas e restaurações, de maneira que a capela primitiva era bem menor e construída com recursos naturais encontrados na região, como pedras do Tourinho (formação rochosa ao sul da praia central do município) e madeira região. Esses materiais, principalmente as referidas pedras, ainda são visíveis na igreja, a cuja estrutura foi acrescida outros materiais.

O templo ocupa um lugar central na paisagem do centro da sede do município, sendo ladeado por prefeitura, correio, banco, lojas, bem como outras

repartições públicas e particulares. Pela sua localização, tem-se a impressão de que todos os caminhos da cidade levam à igreja. Edificada a capela, a população do Porto de Touros passou a se desenvolver em torno dela. As casas de taipas que anteriormente se dispersavam acompanhando o curso do rio Maceió, tenderam a se agrupar e a formar ruas próximas ao templo. Onde anteriormente existiam poucas casas, a Rua do Capim foi sendo alinhavada. Aí nasceu a cidade atual (PATRIOTA, 2000, p. 251).

O fato de a cidade ter surgido aos arredores da igreja é algo comum nos processos de formação urbana no Brasil. No entanto, esse fenômeno é também permeado por questões de ordem mental relacionadas à religiosidade. Estar próximo à igreja significava estar próximo também da imagem do Bom Jesus, portanto, mais protegido. Se todos os caminhos da cidade que se formava levavam à igreja, o faziam também em relação a Deus. Estar próximo ao templo era estar próximo do sagrado. O ápice desse desejo eram os sepultamentos que, pela ausência de cemitérios, davam-se aos arredores ou mesmo no interior das igrejas, ao que se denomina “sepultar no sagrado”.

A vida social e coletiva do povoado passou a orbitar em torno da igreja, a ponto de a efervescência gerada em função da imagem e dos festejos do padroeiro exigir para o local um *status* jurídico reconhecido pelas autoridades religiosas e pelo estado. O atestado disso foi a criação da Freguesia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes do Porto de Touros, em cinco de setembro de 1832, o que foi de grande importância para que o território conquistasse a emancipação política em 27 de março de 1835.

Mas a festa do padroeiro não só gerou implicações jurídicas para o município. Os festejos passaram a se concentrar também no entorno da igreja, reunindo a cada ano mais pessoas. Advindas dos diversos lugarejos, de cidades vizinhas e, contemporaneamente, de outros estados, as pessoas escolhiam a cidade para as comemorações religiosas e profanas que envolvem as festas de natal e ano-novo.

O mês de dezembro, para toda a comunidade cristã, tem um caráter especial, para não dizer um “ar especial”. Em Touros, entretanto, o clima de natal e ano-novo é complementado com a festividade do padroeiro dos católicos, que ocorre entre os dias vinte e dois de dezembro e dois de janeiro de cada ano. O período das comemorações (onze dias), já se diferencia das

demais festas de padroeiro, que costumam durar no máximo nove dias, ao que se dá o nome *novenário*. Isso talvez se explique pela popularidade e o caráter profano que a festa assumiu nas últimas décadas, bem como pode ser um reflexo da sua importância econômica em função do turismo religioso, como afirma Patriota (2000, p. 114):

Em Touros o ano velho se encerra e o ano novo se inicia sob o impacto emocional das tradicionais festividades do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, orago da freguesia. Comparecem à festa milhares de romeiros e visitantes que, durante o período festivo rezam, entoam hinos e também se divertem em bares e barracas, satisfeitos de terem tido oportunidade de fazer ou pagar suas promessas. Democraticamente, do alto do madeiro, a imagem do Bom Jesus a tudo assiste e ainda protege e abençoa aos que o louvam.

Tal afirmação sintetiza bem o caráter da festa. Nas práticas do romeiro ocorre uma simbiose de sacralização e secularização dos seus propósitos, a ponto de não ser possível definir com quais objetivos as pessoas buscam a festa, se em função da religiosidade ou da diversão. Seja por um ou outro motivo, o fato concreto é o aumento das divisas econômicas para o município nos meses de dezembro e janeiro. Prefeitura, paróquia, comércio, serviços e população, todos lucram em função dos festejos do Bom Jesus dos Navegantes. No último período do fragmento destacado, Patriota (2000, p. 114) prossegue afirmando: “Democraticamente, do alto do madeiro, a imagem do Bom Jesus a tudo assiste e ainda protege e abençoa aos que o louvam”. Nesse momento, o autor faz alusão à procissão com a imagem do padroeiro – ponto alto da festa – que percorre as principais ruas da cidade carregada num andor/réplica de um barco, sobre o qual se ergue uma cruz (*madeiro*), carregando o “Jesus crucificado”. É esse o momento de maior emoção e religiosidade plena, quando se observa o concurso dos romeiros e moradores do lugar para tocar ao menos por alguns instantes no suporte do andor. Os moradores da rua por onde passa o cortejo decoram as portas, fachadas e janelas das casas, soltam confetes, balões e foguetório, numa mistura de agradecimento por graças alcançadas e/ou solicitadas, exibição de poderio econômico e vivas ao novo-ano que se inicia.

Bonita de se ver a festa do Bom Jesus, afirma Patriota (2000, p. 115):

diante de nossos olhos desfila um caleidoscópio de cores e formas as mais originais. As pessoas comparecem à festa vestindo trajes bizarros, com hábitos franciscanos, ou conduzindo pesos e pedras na cabeça, que é uma das formas usuais de se pagar promessas feitas aos santos.

Este resplendor é propiciado pelo número de pessoas que comparecem à procissão no dia 1º de janeiro: algo em torno de 30 mil pessoas, praticamente o número de habitantes do município. Esse contingente humano, para uma cidade do porte de Touros, gera um incremento econômico importante que atinge os mais variados setores.

Os feirantes, principalmente de confecções e calçados, que buscam o município todas as terças-feiras, permanecem na cidade durante todo o período da festa. Um dos artigos mais vendidos é o tecido de tipo *popeline*, de cores marrom e roxo, principalmente para a confecção das roupas de franciscanos a que Nilson Patriota se refere, para compor o hábito dos romeiros pagadores de promessas. Artesãos, fotógrafos, costureiras, todos arrecadam mais divisas em função da religiosidade popular, graças à prática de oferendas de *ex-votos*, que representam, geralmente, parte do corpo que foram ou que precisam ser curadas pela graça do Bom Jesus dos Navegantes.

Um bom exemplo da “revolução econômica” gerada no município é a mudança na rotina de trabalho dos pescadores. Em períodos comuns, eles precisam vender a produção aos atravessadores, por preços nem sempre justos. Durante a festa, eles negociam diretamente com donos de bares, restaurantes, hotéis e com os próprios *veranistas*. Isso ocorre em função da escassez do pescado, permitindo ao pescador auferir maior lucro na negociação.

Outro dado importante é o aluguel das casas e terrenos aos romeiros e festeiros por parte dos moradores, que chegam a alugar suas casas por valores que variam, geralmente, de quinhentos a mil reais. Para tanto, os moradores desocupam suas casas. Os dias mais procurados pelos inquilinos temporários são os quatro últimos (30-31/12 e 01-02/01), período no qual a família nativa se abriga em casas de parentes e amigos.

Essa festa expressa bem o caráter religioso da sociedade brasileira em torno dos símbolos da igreja católica. Assim, a religiosidade popular se

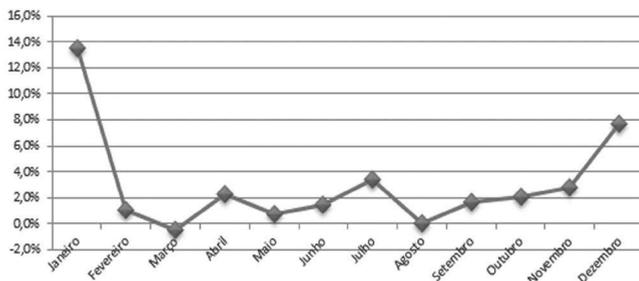
desdobra em “turismo religioso”, que por si só é um conceito econômico, haja vista a necessidade de manutenção do viajante (romeiro) ao lugar de destino.

As principais divisas econômicas da festa são, portanto, geradas pelo caráter profano desta, apesar de a motivação religiosa ter sido o motivo da construção histórica dos festejos, bem como preserva a essência das comemorações, mantendo com isso o lado profano da festa. Em outras palavras, a festa do Bom Jesus dos Navegantes se assenta tanto na sacralização, que gera o turismo religioso, bem como na profanação, que gera a maior parte das divisas econômicas.

A festa, não obstante seu forte teor de religiosidade, também apresenta sua face profana, que é a que realmente a humaniza por unir religiosos confessos e mundanos inveterados nos mesmos ambientes. Esse lado, o profano, consta de barracas, leilões, parques de diversões, bailes animados por bandas de prestígio ou já renomadas, apresentações públicas diversas, principalmente da Banda de Música da municipalidade, que anima as madrugadas acordando os fiéis ao som de patrióticos dobrados (PATRIOTA, 2000, p. 115).

Do ponto de vista quantitativo, os bailes, a barraca, o bingo e outros eventos promovidos pela paróquia fazem a receita quase dobrar entre os meses de dezembro (7,7% da receita anual) e janeiro (13,5% da receita anual), conforme Gráfico 1, a seguir.

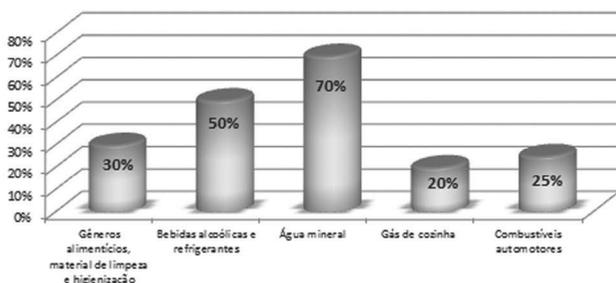
Gráfico 1: Variação média mensal na receita da paróquia (em %).



Fonte: TOUROS (RN). Paróquia do Bom Jesus dos Navegantes, 2007.

Para os cofres públicos, o incremento econômico é expresso no aumento das seguintes cifras: 30% em venda de gêneros alimentícios, material de limpeza e higienização; 50% no consumo de bebidas alcoólicas e refrigerantes; 70% em consumo de água mineral; 20% na utilização de gás de cozinha e 25% de combustíveis automotores, conforme Gráfico 2.

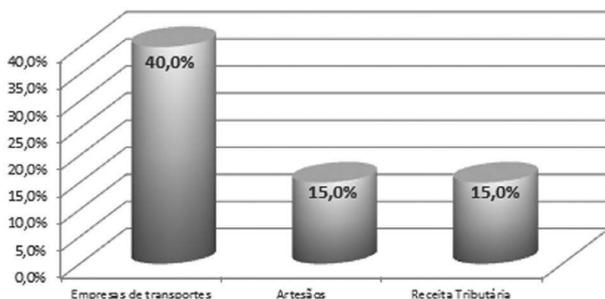
Gráfico 2: Incremento médio na venda de produtos selecionados (em %).



Fonte: Prefeitura Municipal de Touros, 2007.

A festa possibilita, ainda, a geração de 40% a mais na renda em transportes alternativos e ônibus, possibilita, também, aquecimento nas vendas de produtos artesanais em 15% e uma receita fiscal de 15% superior ao mês anterior de referência cobrado. Essa receita é composta de cobrança do uso e ocupação do solo, bem como é proveniente das licenças de alvará. O incremento na receita desses itens é ilustrado no Gráfico 3, seguinte.

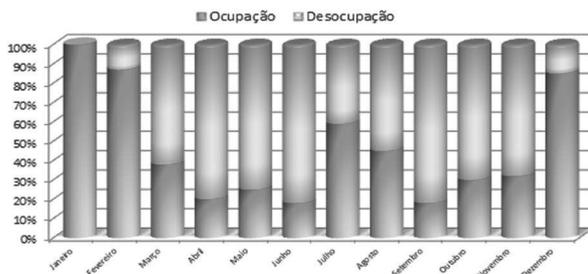
Gráfico 3: Incremento na receita – setores selecionados (em %).



Fonte: Prefeitura Municipal de Touros, 2007.

A rotatividade populacional deste período também aquece o setor hoteleiro, abrangendo pousadas e residências que são temporariamente desocupadas e locadas para os romeiros do Bom Jesus dos Navegantes ou festeiros e comerciantes, atingindo 100% de ocupação hoteleira e 5% das residências recebem hóspedes no período. Esta taxa de ocupação é a oficial, ficando ainda por registrar a não oficializada, cuja ocupação é feita por amizade e/ou parentesco, como retrata o Gráfico 4, a seguir apresentado.

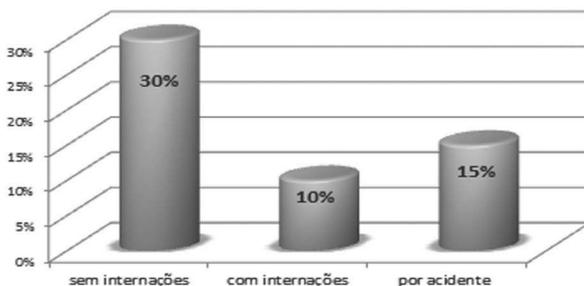
Gráfico 4: Taxa de ocupação média mensal na rede hoteleira (em %).



Fonte: Prefeitura Municipal de Touros, 2007.

A Prefeitura Municipal de Touros sofre um impacto positivo na demanda de prestação de seus serviços. Os setores mais afetados pela demanda são: saúde – o hospital do município, Ministro Paulo de Almeida Machado, atende 30% a mais em urgências sem internações, 15% em urgências por acidente e 10% em urgência com internação a mais que nos períodos normais, conforme expressa Gráfico 5, seguinte.

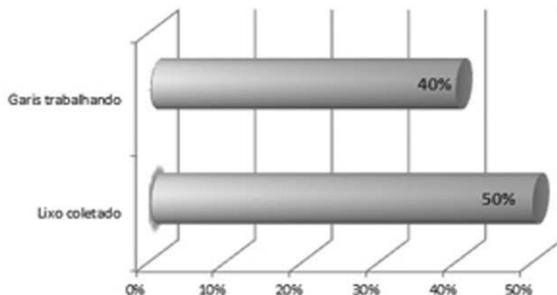
Gráfico 5: Acréscimo no atendimento médico de urgência (em %).



Fonte: Prefeitura Municipal de Touros, 2007.

O setor de limpeza urbana recolhe o dobro da quantidade de lixo, subindo de duas toneladas e meia para cinco toneladas por dia. Entre os dias 29 de dezembro e 02 de janeiro, para a efetivação deste serviço, a Prefeitura dobra a frota de veículos e aumenta o contingente humano, passando de 50 para 70 o número de garis em escala rotativa permanente, conforme aferição do Gráfico 6, a seguir apresentado.

Gráfico 6: Impacto no serviço público de limpeza urbana (em %).



Fonte: Prefeitura Municipal de Touros, 2007.

Os serviços de abastecimento de água (SAAE) e energia (COSERN) também são reforçados, visando atender à demanda populacional existente; o departamento de trânsito (DEMUTRAM) aumenta sua agilidade de serviço, recebendo pessoal do CPTRAN/NATAL, colocando em sua frota duas motocicletas e dois carros; o contingente de segurança pública é feito pela ROCAM/Polícia Militar com cavalaria e Polícia Civil totalizando cem homens e oito viaturas.

Todo este crescimento leva-nos a acreditar na importância de uma reorganização nas estruturas e nas pessoas para corresponder à demanda. Sobre isso, Gastaldi (2006), em *Elementos de economia e política*, nos lembra da importância de um estreito relacionamento da ciência traduzida pela pesquisa e conhecimento aplicados com a economia e os reclames do desenvolvimento.

7 CONCLUSÕES

A religiosidade popular construída em torno da imagem do Bom Jesus dos Navegantes em Touros tem sido motivo de profundas transformações

socioeconômica e político-religiosa da construção do templo católico à emancipação política do município, mostrando uma sintonia entre o sagrado e o profano por ocasião da festa do padroeiro.

Nesse sentido entende-se que para os moradores de Touros e de outras regiões circunvizinhas, a partir da realidade da festa do Padroeiro, torna-se possível detectar o potencial econômico existente.

Através da festa do padroeiro foi possível detectar a grande necessidade de criar uma estrutura para acolher os romeiros que são atraídos pelo fenômeno religioso, já que a maioria deles é acolhida pelos moradores em suas residências numa atitude de socialização e ou geração de renda.

Diante disso, foi possível compreender que a Igreja deve continuar investindo na programação religiosa para satisfazer a fé dos romeiros e habitantes locais e, o comércio, conseqüentemente, deve incrementar sua estrutura através de métodos, de tecnologias ou mesmo da criatividade humana para aumentar a lucratividade tão necessária ao desenvolvimento da cidade.

Através da pesquisa pode-se melhor entender aspectos relevantes da cultura local e projetar uma perspectiva de melhoria tendo como inspiração outras realidades (santuários) nacionais e internacionais que sustentam a religiosidade do povo e contribuem para o desenvolvimento da economia, já que outros elementos histórico-geográficos como: cidade mais próxima da África e da Europa denominada "Esquina do Brasil", onde se localiza o maior farol artesanal do mundo, que contemplou o maior voo sem escalas ao cruzar o oceano atlântico, não foram suficientes para favorecer a guinada econômica tanto quanto a chegada da imagem do Bom Jesus dos Navegantes em torno da qual a cidade cresceu e se organizou social, religiosa e juridicamente pois as terras doadas ao padroeiro estabelece relações entre as pessoas e instituições públicas e particulares.

A busca por representações religiosas é uma característica inerente ao homem ao longo dos processos de transformações históricas. Seja para cultuá-las ou para negá-las, elas fazem parte do cotidiano.

Em Touros, a religiosidade popular construída em torno da imagem do Bom Jesus dos Navegantes foi motivo de profundas transformações sociais na região, da construção do templo católico à emancipação política do município, e, no tempo presente, às divisas geradas em função do turismo religioso, expressão de sacralização e secularização de uma festa religiosa.

Nesse sentido, é bem possível para o morador de Touros, como também outros moradores de regiões circunvizinhas, a partir da realidade da festa do Padroeiro, descobrir o potencial econômico existente e montar uma estrutura que possa ajudar a melhorar a qualidade de vida e, conseqüentemente, colaborar para o desenvolvimento econômico da família e da sociedade.

Para isso é também importante a sensibilidade do poder público para perceber e incentivar este potencial, através de políticas públicas que possam levar o povo a desenvolver sua sustentabilidade.

Pela festa do padroeiro, pode-se conhecer a necessidade do romeiro e criar uma estrutura para satisfazê-la. A Igreja pode e deve intensificar sua programação religiosa para corresponder à necessidade da fé dos romeiros e peregrinos; e o comércio, conseqüentemente, deve incrementar sua estrutura através de métodos, de tecnologias ou mesmo da criatividade humana e, assim, aumentar sua lucratividade como elemento propiciador de transformações e relações sociais, econômicas e políticas que contribuiram e contribuem para a formação da cidadania do povo tourense. Porém, é importante ressaltar que todas essas transformações são heranças da experiência religiosa vivida nesta cidade.

8 REFERÊNCIAS

GASTALDI, José Petrelli. **Elementos de economia política**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

PATRIOTA; Nilson. **Touros, uma cidade do Brasil**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TOUROS. **Certidões**. Touros (RN): Setor Financeiro, 2007.

SARTORE, Domenico; TRIACCA; Achille (Org.). **Dicionário de liturgia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992.

TOUROS (RN). Paróquia do Bom Jesus dos Navegantes. **Certidões**.
Touros (RN): Secretaria Paroquial, 2007.

O VATICANO II e o laicato na igreja. In: II CONCÍLIO Ecuménico do Vaticano – Constituição pastoral. **Gaudium et Spes.**, n. 55, p. 206, 2001.

WEBER, Marx. **Economia e sociedade**. São Paulo: IOSP, 2004.

